

A INCLUSÃO DO ALUNO SURDO NO ENSINO REGULAR: a voz das professoras

MARIA LÚCIA LORENZZETTI ¹

Introdução

A discussão sobre a inclusão de surdos no contexto educacional, tem sido palco para várias reflexões. Sabemos que não basta somente que o surdo frequente uma sala de aula, mas que seja atendido nas suas necessidades. Destacamos aqui o papel do professor quanto ao desenvolvimento de um trabalho que valorize todas as diferenças e que esteja pautado nos objetivos de uma educação que vise à valorização do exercício cidadania, o desenvolvimento biopsicossocial do indivíduo e a sua preparação para estar inserido nos mais variados contextos sociais.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira (LDB, nº9394/1996) estabelece que os sistemas de ensino deverão assegurar, principalmente, professores especializados ou devidamente capacitados, que possam atuar com qualquer pessoa especial na sala de aula.

Sabemos que a realidade apresentada esboça um quadro diferente. A presente pesquisa revela o despreparo e o desconhecimento das professoras para lidar com o aluno surdo, citando como fator relevante o uso de uma linguagem totalmente oralista no processo de comunicação. Na maioria das escolas públicas, onde não há a aceitação da Língua de Sinais, havendo várias formas que levam a sua interdição, o aluno surdo é tratado como se fosse um ouvinte e conseqüentemente, deve desenvolver a fala.

¹Mestre em Educação.
Professora do Curso de
Psicologia da
Universidade do Vale do
Itajaí, psicóloga e
docente-administrativa
do Núcleo de
Atendimento
Psicopedagógico a Pessoas
com Necessidades
Educaçãoais Especiais
(PADEF/NAPNE).
E-mail:
maluzeti@ccs.univali.br

A importância de conhecer as experiências das professoras quanto à inclusão do aluno surdo no ensino regular relaciona-se ao papel a ser desenvolvido favorecendo as interações e oferecendo uma educação que valorize a diversidade, em especial as variadas formas de comunicação. Desta forma procurou-se ouvir as professoras objetivando identificar características relevantes presentes no processo de inclusão, enfocando quatro temas centrais: Trajetória Profissional, O Primeiro Contato, Processo de Comunicação, As Interações. Compreende-se que no contexto da sala de aula encontra-se a marca social do processo educativo, seja, desde um contexto macro, até chegar nas interações entre os diversos sujeitos que ali se encontram (PENIN, 1994). Neste contexto, a qualidade das interações estabelecidas pode contribuir para a efetivação de práticas inclusivistas que favoreçam o pleno desenvolvimento dos indivíduos envolvidos.

Delineamento da pesquisa

A presente pesquisa caracteriza-se por um estudo de caso onde se pretende apresentar alguns elementos que emergem no trabalho pedagógico dos professores do Ensino Fundamental diante do processo de inclusão do aluno surdo que frequenta as escolas da rede municipal no município de Itajaí - SC.

Sujeitos da pesquisa

Foram selecionadas cinco professoras que atuam com o aluno surdo nas escolas da Rede Municipal de Ensino em classes do Ensino Fundamental (1ª a 8ª série) no município de Itajaí em Santa Catarina e uma professora que atua na Sala de Recurso do Centro Municipal de Educação Especial de Itajaí e realiza o trabalho de orientação aos professores da rede regular de ensino.

Instrumentos

Foram utilizados os seguintes instrumentos:

- Ficha individual do professor, contendo itens que pudessem coletar os seguintes dados: pessoais (sexo, idade), profissionais (escola, tempo de serviço, carga horária); formação acadêmica; função exercida e número de alunos surdos em sua classe.
- Entrevista aberta.

Procedimento da coleta de dados

O primeiro contato com as professoras ocorreu num dos encontros mensais de capacitação, onde expusemos a pretensão de fazer o trabalho e lançamos o convite para todo o grupo, deixando os professores livres para a opção.

No segundo momento, dirigimo-nos até às escolas e apresentamos a proposta para a direção, obtendo a permissão para a realização do trabalho.

Num terceiro momento, retornamos à escola para aplicação da ficha individual.

O quarto encontro realizou-se na casa de cada professora, onde realizamos a entrevista aberta e tivemos a permissão para as gravações.

Procedimento da análise de dados

Após a coleta realizou-se a transcrição e a análise do material, buscando-se ser fidedigno aos relatos das professoras. Durante o processo emergiram aspectos que foram destacados e apresentados em categorias, sendo: Trajetória Profissional, O Primeiro Contato, Processo de Comunicação e as Interações apresentadas sequencialmente nos resultados.

Resultados

Nesta parte do trabalho apresentaremos o relato das professoras sobre a sua trajetória profissional, os caminhos percorridos, as experiências no trabalho educativo e como foi se constituindo o processo, para a escolha da profissão.

Tratando-se de uma entrevista aberta, com o objetivo de coletar dados que auxiliassem na elaboração do trabalho, direcionamos uma consigna para orientar o professor diante do que gostaríamos de saber e que viesse ao encontro de nossa pesquisa. Foi utilizada a mesma consigna para todas as professoras:

Pesquisadora: Fale-me um pouco sobre a sua trajetória profissional enquanto educadora, as experiências que teve como professora de alunos ouvintes e do(s) aluno(s) surdo(s), suas dificuldades na realização do trabalho, as conquistas e o resultado de todo o processo construído até hoje.

Diante dos relatos, podemos verificar a tendência de três professoras para serem profissionais da educação. Podemos observar que já havia uma intencionalidade para o magistério, o qual apontamos como aspecto positivo no processo, pois não foi uma escolha aleatória; houve um desejo anterior que, conseqüentemente,

favoreceu o processo educativo. “Pedagogia é encantar-se e seduzir-se reciprocamente com experiências de aprendizagem” (ASSMANN, 1998:34).

Duas professoras demonstram sua preferência para atuar com alunos das séries iniciais (1ª série): “Pedi para trabalhar com a primeira série que são maiorzinhos, e é a faixa que eu gosto”(F) Consideramos também esse aspecto como positivo, sendo que esse início é a base de todo o processo de desenvolvimento da criança. Um professor que demonstra gostar de atuar na série em que está, favorece a aprendizagem de seus alunos e, conseqüentemente, pode favorecer a inclusão de todos.

Um outro aspecto importante a ser analisado na trajetória profissional das professoras são as variações no trabalho pedagógico indo desde professoras à coordenadoras, secretárias, supervisoras administrativas, monitoras e auxiliares de creche.

Consideramos essas variações significantes, uma vez que propiciam a maturação tanto pessoal quanto profissional das professoras. Outro ponto é que favorece as escolhas, oportuniza as decisões naquilo que realmente é o desejo de cada professor e contribui, de certa forma, para a mudança de concepções.

Quanto ao primeiro contato com o aluno surdo as falas das professoras demonstram os sentimentos de medo do desconhecido e as dificuldades encontradas para lidar com as diferenças. Pelo fato de o aluno surdo não se comunicar através da fala, ocorre toda uma mudança de comportamento nas professoras que podem levar tanto à aceitação quanto à rejeição.

Podemos refletir sobre os padrões sociais estabelecidos que definem as pessoas categorizando-as num grupo homogêneo, o qual dificulta a compreensão das diferenças.

Podemos perceber que cada professora apresentou um tipo de reação frente ao desconhecido. No caso de uma professora, observamos que há uma justificativa para sua ação: “Antes assim de eu conhecer ele, já me deu até um calafrio. Acho que é o medo do diferente, o medo de mudar, a gente sempre tem este medo, é o medo do fracasso”.

Consideramos na justificativa um dado importante reconhecido pela professora, que é o medo de mudar. Com isso compreendemos que mudar significa sair da zona de conforto, de um modelo tradicional, ir em busca do novo e toda busca requer uma mudança. Observamos nos outros depoimentos: “No começo eu fiquei assustada” (professora “B”); “Eu já fiquei assim preocupada” (professora “C”); “Eu fiquei assim apavorada” (professora “D”); “A primeira vez eu me surpreendi” (professora “E”).

... os receios, os medos, as superstições, as frustrações, as exclusões, as separações rígidas devem fazer parte do passado. Os seres humanos independentemente das suas condições e potenciais, têm direito às mesmas oportunidades de inserção, inclusão e realização psicossociais (FARIA, 1993:93).

É importante pensarmos na necessidade de mudança nas posturas e concepções das professoras em relação ao aluno surdo. Todos os professores devem estar

preparados para atender às necessidades desses alunos no contexto escolar e social, aceitando-os nas suas diferenças.

Ao se referir ao processo de comunicação uma professora cita: “O maior problema é que eu era preocupada por ser alfabetização. Como é que eu iria explicar as coisas pra ele? Como é que eu iria passar e como é que ele iria aprender?”.

Conforme os relatos das professoras quanto à comunicação com o aluno surdo, percebemos em todos os depoimentos, a preocupação demonstrada quanto à utilização de uma linguagem oral para a comunicação.

Podemos observar que o fato dos alunos surdos não serem oralistas como os demais ouvintes, pode interferir no processo educativo, se não for mediado através da aceitação de suas diferenças e da sua maneira de se expressar.

Uma professora relata: “Pra mim foi bom porque N. entendia o que a gente falava e ela conseguia falar alguma coisa, apesar do problema dela de ser surda”

Conforme Lopes (1997:96), “ao considerarmos as experiências de linguagem como experiências culturais, nos reportamos imediatamente à cultura dos ouvintes, pois são eles que definem o padrão lingüístico que os homens (independentemente de suas dificuldades) devem seguir”.

Podemos verificar que a ideologia dos ouvintes defende uma igualdade natural entre surdos e ouvintes, mas ainda predomina que o surdo deve ser um ouvinte e, como tal, deve desenvolver a fala.

Por outro lado, podemos perceber que algumas professoras reconheceram na LIBRAS, uma estratégia para se comunicar com o aluno surdo e tentam utilizá-la, o que consideramos como ponto positivo, pois considera a forma natural e espontânea do surdo se expressar.

Diante desse depoimento, percebemos a importância de orientar os professores no que se refere às várias formas de comunicação. Por viver em uma cultura ouvinte, o surdo pode ter acesso à oralização, mas é importante que o professor conheça a filosofia também da Comunicação Total, do Bilingüismo e, em especial, a Língua de Sinais, considerada a língua oficial utilizada pela comunidade surda (SÁ, 1998).

Observando os dados coletados podemos dizer que o processo que remete as interações foi, pouco a pouco, sendo construído, envolvendo o aluno, a turma e o professor.

Podemos perceber que as interações que ocorreram no interior das salas de aula foram, gradativamente, contribuindo para que ocorresse a inclusão do aluno surdo. Assim, relata uma professora: “Com o aluno surdo a nossa turma se deu muito bem. Nunca tivemos problema de preconceito”.

Percebemos aqui o papel desempenhado pelo professor que favorece as interações. Muito mais que ser um agente de formação, o professor passa a ser visto como sendo “o elemento mediador (e possibilitador) das interações entre os alunos” (REGO, 1999:115).

Observamos que todas as professoras buscaram alternativas que, de certa forma, contribuíram para a realização de uma prática inclusiva mais efetiva.

No depoimento de uma professora, percebemos a mediação pedagógica envolvendo a professora, o aluno ouvinte e o aluno surdo ao mesmo tempo: “...e a amiguinha eu colocava sempre perto dele e a menina fazia os sinais pra ele e ele entendia e prestava atenção em mim”.

Podemos entender também aqui, as dificuldades encontradas pela professora para estabelecer vínculo com o aluno. Constatamos que elas podem estar relacionadas às concepções de uma linguagem totalmente oralista, parecendo que somente através desse tipo de linguagem poderá haver comunicações.

No discurso de uma professora, depreendemos também que as interações ocorreram por conta da comunicação estabelecida através de uma linguagem, no caso a língua de sinais. “Depois a gente foi se acertando, aí depois eu consegui fazer os sinais, ela sorria, ficava feliz”.

Salientamos a importância de o professor conhecer e compreender a linguagem do aluno surdo, as variadas formas de expressão por ele utilizada e participar de cursos de capacitação que possibilitem aprender a língua oficial, ou seja, a LIBRAS.

Compreendemos que para as condições serem iguais, é necessário aceitar e compreender as variadas formas de expressão, tanto dos alunos ouvintes quanto dos surdos, estimulando-os a se comunicarem de maneira mais conveniente possível.

Considerações Finais

“A viagem da auto-descoberta não acaba nunca... Não há terra prometida onde podemos chegar e parar... Nossa primeira natureza nos escapará continuamente” (Alexander Lowen).

Nossos estudos aqui não se propõem a resultados definitivos. São reflexões e discussões em relação às experiências das professoras do ensino regular no processo de inclusão do aluno surdo.

Um ponto a ser destacado é como as professoras concebem o aluno surdo, diante do grupo de alunos ouvintes. Nos depoimentos, os vários sentimentos despertados pelas professoras diante da presença do aluno surdo em suas salas, nos retratam a visão concebida dos ouvintes em relação à surdez. Esse discurso nos aponta que a defasagem na aprendizagem recai unicamente na “deficiência” do aluno e na prática, esse discurso pode se reverter em ações que, na realidade, marginalizam o aluno e antecipam o fracasso escolar.

Destacamos, como ponto importante, a formação dos professores diante da proposta de uma educação inclusiva dos alunos com necessidades educacionais especiais. Formação esta que contemple cursos, debates, seminários, reflexões teóricas e práticas em relação a essa educação. Sabemos também que são raras as Universidades que contemplam, em seu currículo, uma disciplina voltada à

área da Educação Especial, a qual possa orientar os professores quanto ao desenvolvimento do trabalho com esses alunos, em especial, os surdos.

Outro aspecto importante a ser considerado e que emergiu várias vezes no discurso das professoras é a questão da linguagem. Compreendemos que se faz necessário a inserção da língua de sinais nos espaços escolares, deixando de ser utilizada apenas como recurso pelo professor ouvinte.

Destacamos então, como aspecto principal em nossa pesquisa, a linguagem do aluno surdo que, conforme relato das professoras, tem se tornado um obstáculo no processo de comunicação.

Sentimos com isso a necessidade de darmos continuidade ao trabalho que realizamos com as professoras envolvidas na pesquisa, diante do processo de inclusão do aluno surdo nas escolas. Trabalho esse que envolve reflexões e discussões as quais englobam concepções cristalizadas em relação à surdez e também, estudos teóricos e práticos envolvendo, sobretudo, o conhecimento específico da língua de sinais.

Um outro fator observado nos depoimentos das professoras foi às várias dificuldades encontradas para atuar com o aluno surdo e as impressões negativas apresentadas no primeiro contato. Consideramos isso como relevante, a partir do momento em que evidenciamos, nas posturas das professoras frente à diferença, mudanças ligadas à formação desses profissionais, às oportunidades e melhores condições de trabalho, ao salário justo, condizente com a sua função e, mais ainda, à necessidade de serem auxiliados frequentemente em seu trabalho, tendo o apoio de profissionais especializados em áreas específicas. Sabemos da importância que esses profissionais exercem no contato com as professoras e que o trabalho em parceria só traz resultados positivos.

Ao referenciar as interações sociais, destacamos o significado que elas exercem no contexto social. Nos relatos das professoras percebemos como esta dinâmica foi se constituindo, envolvendo a participação de todos os alunos, em especial das professoras.

Percebemos que as diversas estratégias utilizadas pelas professoras para incluir o aluno no grupo são de vital importância, pois consideramos que somente o simples contato não é suficiente para que ocorra a inclusão.

Nesse sentido, percebemos o processo educativo como espaço onde podem ocorrer as interações que, quando positivas, favorecem o processo ensino-aprendizagem e contribuem para a aceitação de todos os alunos com suas diferenças e sua singularidade.

No relato de todas as professoras envolvidas nesta pesquisa, percebemos que houve mudanças nas suas concepções, a partir do momento que as interações foram ocorrendo, envolvendo a professora, o aluno surdo e a classe em geral. Destacamos como relevante a ênfase que as professoras deram ao grupo de alunos ouvintes na participação por incluir os alunos surdos.

Consideramos que a presença desses alunos no ensino regular, contribui para a quebra de resistências e de visões que possam vir a ser estereotipadas, favorecendo para todos os alunos o trabalho em parceria e o respeito às diferenças.

Um outro ponto relevante observado é a luta do surdo na construção de sua identidade e na busca por encontrar seu espaço, lutando por seus direitos e querendo ser integrado como os demais alunos. Isso ficou evidenciado no relato de uma professora quando cita que no início das aulas, tentou ignorar a presença do aluno em sala, mas ele fazia de tudo para chamar sua atenção. O silêncio e o isolamento de outra aluna também podem ser apontados como um desses aspectos.

Tiramos, como premissa básica, o fato de que não existe um perfil ideal para ser professor de aluno surdo. Conforme podemos perceber os professores envolvidos na pesquisa e que atuam com alunos surdos, tem sua formação no magistério, freqüentando, a maioria, o curso adicional (Pedagogia), sendo que nenhuma possui formação específica na área da surdez. Desta forma, compreendemos que todo e qualquer profissional da educação deve estar apto a atender às necessidades de todos os alunos, compreendendo a heterogeneidade do grupo e isso somente irá ocorrer se houver um trabalho de parceria envolvendo todos os profissionais da área na luta pelo processo inclusivo.

Como item final, percebemos que, de certa forma, a inclusão vem acontecendo nas escolas da rede municipal de ensino de Itajaí. Percebemos nos relatos das professoras que, apesar de todos os obstáculos e dificuldades, estão envolvidas com o processo de inclusão e mostram-se receptivas e abertas para dar continuidade ao processo.

Também consideramos relevante a nossa postura enquanto profissionais orientadores envolvidos com as professoras, oferecendo-lhes suporte. Compreendemos que não basta apenas transmitir nossos conhecimentos. É preciso que saibamos compreender, ouvir, atender as angústias, os anseios, às lutas e, principalmente, reconhecer as conquistas, por menores que sejam, pois é de pequenos fragmentos que se constroem “pavilhões”.

Referências

- ASSMANN, H. **Reencantar a educação**: rumo à sociedade aprendente. Petrópolis: Vozes, 1998.
- BRASIL. **Lei nº 9394/96**. Diário Oficial da União. Brasília, 20 de dezembro de 1996.
- FARIA, M. C. C. S. O direito a ser diferente em sociedade: a problemática da integração escolar. In: **Revista Brasileira de Educação Especial**. São Paulo: UFSCAR, n.10, janeiro/abril, 1993
- LOPES, M. C. A mediação material e sócio no processo de integração de crianças surdas. In: SKLIAR, C. (Org.). **Educação x Exclusão**: abordagens sócio-antropológicas em educação especial. Porto Alegre: Mediação, 1997.
- PENIN, S. T. S. **A aula**: espaço do conhecimento, lugar de cultura. Campinas: Papirus, 1994.
- REGO, T. C. A origem da singularidade humana na visão dos educadores. In: **Caderno CEDES**. Implicações pedagógicas do modelo histórico cultural. Campinas: Papirus, 1995.
- SÁ, N. R. L. O discurso surdo: a escuta dos sinais. In: SKLIAR, C. (Org.). **A surdez**: um olhar sobre as diferenças. Porto Alegre: Mediação, 1998.